

# Psicose e desencadeamento: sustentação e ruptura

Karen de Toledo

## RESUMO

Com o presente artigo, pretende-se discutir o desencadeamento da psicose, considerando sua passagem do momento anterior (pré-psicose). É possível inferir que o desencadeamento da psicose possa ser evitado por uma relação dual imaginária estabelecida pelo sujeito, a qual evita o surto. De forma a examinar as razões presentes no desencadeamento da psicose, utilizou-se primeiramente as referências de Lacan sobre o crime das irmãs Papin, publicado em sua tese de doutorado em Medicina (1932). Posteriormente, selecionou-se partes do filme *Entre elas*, que se baseia em relatos do crime. Finalmente, uma hipótese é proposta sobre o motivo do desencadeamento, seguida de referências adicionais da teoria posterior de Lacan, que centra a questão da psicose no conceito da *Verwerfung* (foraclusão).

## PALAVRAS-CHAVE

Pré-psicose  
Desencadeamento  
Relação dual imaginária  
Foraclusão

Aluna do 5º ano do curso de Psicologia da Universidade São Marcos.  
Rua Carlos Facchina, 60 – Americanópolis 04427-020 São Paulo, SP  
(11) 9688-6451 apsara@bol.com.br

## Psicose e desencadeamento: realidade e ficção



crime das irmãs Papin foi discutido por Lacan em sua tese de doutorado em Psiquiatria, datada de 1932: *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. O crime teve grande repercussão na França e foi, posteriormente, retratado no filme *Entre elas* (1994), dirigido por Nancy Meckler.

As irmãs Christine e Léa Papin (28 e 21 anos, respectivamente) trabalhavam na casa burguesa de um advogado, sua esposa e sua filha. Eram consideradas empregadas-modelo, mas não havia nenhum tipo de comunicação entre os patrões e as empregadas. As patroas eram muito rígidas, e as empregadas, consideradas misteriosas devido a seu silêncio e aos dias de descanso que passavam juntas trancadas em seu quarto.

Certo dia, quando as patroas estavam ausentes, houve uma pane no circuito elétrico da casa, causado acidentalmente por uma das irmãs. Ao chegarem as patroas, cada uma das irmãs subjuga suas adversárias, arrancando-lhes, ainda em vida, os olhos da órbita, e as espancando. Munidas de objetos que tinham a seu redor (martelo, pichel de estanho, faca de cozinha) amassam os rostos das vítimas, deixando o sexo à mostra. Cortam suas nádegas e coxas profundamente, ensangüentam o corpo de uma com o sangue da outra. Após o ritual atroz, lavam todos os instrumentos, banham-se e deitam-se na cama nuas e abraçadas. Trocam as seguintes palavras: “Agora está tudo limpo!”

Ao serem interrogadas no julgamento, não oferecem nenhuma explicação de raiva ou vingança como motivo do crime. Apenas fazem questão de assumir juntamente a responsabilidade do ato. São presas sem nenhum indício de delírio ou comportamento anormal. Algumas informações imprecisas a respeito de seus antecedentes são fornecidas por um secretário-geral e um delegado, que as conheceram na ocasião em que tentavam obter a emancipação da irmã mais jovem. Dizem tê-las considerado “meio piradas”, “perseguidas”. Sabe-se ainda de um pai violento e alcoólatra, que violara uma de suas filhas e as abandonara.

Na prisão, cinco meses após estar separada da irmã, Christine apresenta

estados de agitação e autopunição. Em um desses episódios, tenta arrancar o próprio olho. A tentativa deixa lesões, e é necessário o uso da camisa de força. Posteriormente, indaga sobre suas vítimas, mostrando alteração na percepção da realidade. Diz que suas vítimas voltaram em outros corpos; ela mesma acreditava ter sido, em outra vida, o marido de sua irmã.

O filme *Entre elas* baseia-se nos fatos verídicos e se mantém fiel a estes na medida permitida por uma obra de arte. Lacan já nos falava da verdade em estrutura de ficção. Falemos dela, portanto.

O filme começa com uma envolvente canção de ninar:

“Durma, irmãzinha, durma / Durma através da escuridão, durma / Todo rio corre para o mar / Durma para mim, irmãzinha / Sonhe, irmãzinha, sonhe / Sonhe seus sonhos, estou aqui / Todas as coisas que quiser ser / Irmãzinha minha, sonhe para mim / Há um lugar com campos / Há um lugar com montanhas / Lá os cavalos correm soltos / Há também carneiros / Durma, irmãzinha, durma / Pegue minha mão e durma / Nunca a deixarei sozinha / Feche seus olhos, irmãzinha.”

A partir desse ponto, a história se desenvolve tal qual previamente relatada, com poucas alterações e significantes sutilezas. Léa e Christine dormem no mesmo quarto, na mesma cama e passam juntas seus dias na casa com suas patroas, mãe e filha. As patroas, Senhora e Senhorita Danzard, apreciam muito a chegada da irmã mais nova e elogiam as várias qualidades daquele par, entre elas, a confiabilidade característica de garotas de convento.

As empregadas se divertem juntas e mantêm na frente das patroas uma atitude reservada, silenciosa e deveras temerosa, especialmente a irmã mais nova, que mostra um medo particular de “quebrar” objetos ou fazer algo que possa desagradar a irmã ou a patroa. As patroas têm uma postura rígida e, ao mesmo tempo, curiosa em relação às irmãs.

Christine comenta sobre a patroa: “Ela vê tudo!”, “A madame verifica tudo.”

Léa observa com medo: “Fica de olho em tudo.”

As irmãs passam horas conversando e lembrando as histórias de quando Léa era criança, cuidada por Christine, que lembra o apelido de Léa:

“pezinho frio”, o que pode nos remeter ao fato de que desde a infância tinham o hábito de dormir juntas. Comentam sobre um acidente que deixara nelas a mesma ferida: “Ainda temos a marca.” Em seguida, se recordam das palavras de uma cigana, que lhes dissera: “Estão unidas pela vida toda. Pelo sangue.”

Léa e Christine trocam entre si delicadezas femininas, combinações de renda, bordados. Cuidam uma da outra, numa relação de extrema ternura fraternal, que atinge seu limite no erotismo. Cenas de amor são permeadas por sentimentos persecutórios de ciúmes e ataques de angústia frente à ameaça provocada por um terceiro. Christine se desequilibra ao sentir olhares da filha da patroa em direção à sua irmã querida. A mãe, que visitavam esporadicamente, era tida por Christine como grande rival.

As patroas, por sua vez, mantinham entre si uma relação peculiar de posse e ciúmes. O presente de aniversário que a filha recebe é um porta-retratos com uma foto em que está ao lado da mãe. O presente suscita nas irmãs o desejo de ter uma foto similar. Por intermédio do cartão do fotógrafo, vão a este e pedem uma foto igual; o fotógrafo observa que pareciam gêmeas. Os afetos circulam entre os quatro personagens e tem-se, muitas vezes, a impressão de se estar diante de cenas duplas, como se um espelho refletisse metaforicamente os dois pares femininos.

As tensões relacionais entre esses personagens permeados de desejo, medo e ciúmes aumentam gradativamente, assim como o desconforto das patroas, motivado pela desconfiança quanto à natureza da relação de afeição entre as irmãs. A tensão chega ao clímax na cena da pane elétrica. Léa passa uma blusa de cetim da Senhorita Danzard, quando ocorre um curto-circuito e a blusa é queimada. Tomada de pavor, grita pela irmã, que vem socorrê-la; muito atemorizadas, trancam-se no quarto e esperam a chegada das patroas. Léa diz em desespero: “Nunca vai me deixar, não é, Christine?; Eu não agüentaria viver sozinha nesta casa. Em nenhuma casa.”

O desencadeamento do surto advém. As patroas chegam, Christine sai de seu quarto transtornada e vai ao encontro delas para proteger a irmã. A cena assim se desenrola:

**Christine:** Madame...madame voltou...

**Madame Danzard:** O que é isso? Ousa esperar que eu volte a uma casa escura?

**Christine:** Foi o ferro, madame. Queimou os fusíveis.

**Madame Danzard:** Outra vez? Não pode ser, acabou de ser consertado!

**Senhorita Danzard:** E minha blusa de cetim? Sua irmã a queimou, não?

**Christine:** A blusa da senhorita ainda não está pronta.

**Madame Danzard:** Ela tem de usá-la nos Blanchard!

**Senhorita Danzard:** Voltei para vesti-la.

**Madame Danzard:** O que faz aqui sem avental?

**Christine:** Acabei cedo, madame.

**Madame Danzard:** Não minta. Não quero mentirosas na minha casa.

**Christine:** Madame sabe que não minto.

**Madame Danzard:** Está mentindo, eu sei. Você me decepciona. Mande sua irmã trazer a blusa agora.

**Christine:** Madame não pode ver minha irmã.

**Madame Danzard:** O quê?

**Senhorita Danzard:** Que modo de falar!

**Madame Danzard:** Sua irmã explicará como quebrou meu ferro!

**Christine:** Já expliquei sobre o ferro.

**Madame Danzard:** Chama isso de explicação?

**Christine:** Não foi nossa culpa.

**Madame Danzard:** Então de quem foi? Ouviu isso?

**Senhorita Danzard:** Ouvi. Quem sabe mais o que andam fazendo?

**Christine:** Se madame não confia em nós...deixaremos essa casa.

**Madame Danzard:** Ir embora? E aonde pensam que iriam?

**Christine:** Acharemos outra casa.

**Madame Danzard:** Será? Não após o que vi esta noite.

**Christine:** Madame não viu nada.

**Madame Danzard:** Nada? Esse cabelo, esse rosto...você cheira mal.

**Christine:** Pare, madame...

**Madame Danzard:** Não abra mais a boca! Quebra meu ferro, escurece minha casa...

**Christine:** Já disse, madame. Não foi nossa culpa.

**Madame Danzard:** Na igreja todo domingo, achando que era uma filha de Deus...

**Christine:** Madame não tem o direito!

**Madame Danzard:** Não? Está maluca?

**Senhorita Danzard:** Está. Olhe a cara dela!

**Madame Danzard:** Você é quem não tem direitos!

(Léa sai do quarto e aparece na escada.)

**Senhorita Danzard:** Maman!

**Madame Danzard:** Olhe bem para sua irmã. Nunca mais trabalhará com ela. Deus me perdoe pelo que abriguei aqui! Imundas! Ralé! (Cospe) Escória de irmãs!

**Christine:** A minha irmã, não. Minha irmã, não!

A cena do crime é subsequente a esse confronto. Brillantemente estruturada, de forma a expressar o terror psicológico das personagens, o que só pode ser apreendido pela interpretação dramática. Um motivo aparentemente banal, um diálogo igualmente trivial desencadeiam um surto psicótico duplo.

Propomos, portanto, uma hipótese de interpretação psicanalítica que nos permita identificar, nesse mesmo diálogo e na estrutura da cena, elementos que compareçam como motivo ao desencadeamento.

Vejamos primeiramente as considerações de Lacan a respeito do crime.

Ao comentar o caso, Lacan cita traços clássicos que definem a paranóia: “um delírio intelectual, que varia seus temas das idéias de grandeza às idéias de perseguição; reações agressivas, com frequência homicidas; evolução crônica.” (Lacan, 1987, p.384)

O autor aponta, como primordial nos fenômenos psicóticos, a dinâmica das tensões sociais que definiriam a personalidade do sujeito de acordo com seu equilíbrio ou ruptura.

A base da psicose seria a pulsão agressiva atuada no assassinato e justificada pelo delírio. O delírio, entretanto, se desvanece com o ato, o que talvez explique o porquê de as irmãs não apresentarem nenhum vestígio aparente de sintomas delirantes quando foram presas.

Na prisão, porém, sintomas típicos de delírio puderam ser observados, assim como sintomas melancólicos de recusa à alimentação, auto-acusação, atos expiatórios, frases delirantes e desconhecimento da realidade.

Lacan afirma que a forma da psicose nas irmãs se assemelhava correlativamente. O delírio a dois é comumente reconhecido entre parentes próximos: o sujeito delirante ativo atua por sugestão no sujeito débil passivo. Lacan propõe, em seguida, explicação mais satisfatória a esse respeito. Recorre ao estudo psicanalítico sobre a psicose, pontuando sua estreita ligação com a homossexualidade e a perversão sadomasoquista. A pulsão assassina estaria na base da paranóia.

No caso em questão, Lacan chama a atenção para o sadismo evidente no ataque às patroas, assim como a grande relação de afeição entre as irmãs. Lacan comenta que o psiquiatra que tratava do caso mostrou reservas quanto à realidade de relações sexuais entre elas, chamando-as de “casal psicológico”.

Considera pertinente a atitude de reserva, pois ressalta que a psicanálise deriva a homossexualidade da paranóia como inconsciente. Freud diria que o desejo em relação a um irmão seria produto da inversão da hostilidade infantil reduzida forçosamente. A paranóia seria uma estrutura dominada pelo complexo fraterno.

A homossexualidade, por sua vez, seria uma expressão do narcisismo, pois toma o objeto semelhante ao sujeito. Lacan usa a expressão o “mal de ser dois” como o mal de Narciso, que culmina com a morte.

Para Lacan, as irmãs desejavam suas vítimas, assim como viam nessas a imagem de seu mal. A metáfora “arrancar-lhe os olhos” ganha literalidade no ato criminoso. Os olhos são o primeiro foco do ataque, tal qual ocorria na castração das bacantes.

Sugerimos, a partir desse ponto, confrontar essa passagem da obra de Lacan com o momento posterior em que ele centra a questão das psicoses no conceito de forclusão do nome-do-pai. Os comentários de Lacan sobre o crime das irmãs Papin, ainda influenciados por sua formação em psiquiatria, já revelam aspectos fundamentais que estarão presentes em sua formulação futura a respeito da psicose. Tentaremos ainda apontar hipóteses relativas ao desencadeamento.

Podemos inferir que, antes do desencadeamento, as irmãs Léa e Christine

viviam juntas uma relação de identificação que lhes permitia uma certa estabilização da estrutura. Sabe-se que a estrutura já estava decidida no momento da passagem pelo Édipo. O momento anterior ao desencadeamento pode ser definido como pré-psicose, de acordo com a formulação de Lacan no terceiro seminário. Esse momento não traz indícios patológicos; pode-se evidenciar esse fato pelos dados da história, da surpresa causada pelo ato criminoso, pela relação de empregadas-modelo que lhes era atribuída.

Em diversos momentos do relato, podemos perceber a relação dual imaginária a que as irmãs estavam presas. Uma relação de identificação, que lhes servia de sustentação. A identificação pode ser vista aqui como a definição que Lacan propõe no texto sobre o “estádio do espelho”. A identificação é a transformação ocorrida no sujeito a partir da assunção de uma imagem. Assim, identificadas imaginariamente, ao se deparar com um elemento que desestrutura essa relação, ocorre o desencadeamento da psicose. A identificação surge, nesse caso, como eu-ideal e não como ideal de eu, o que exigiria o recurso simbólico.

Podemos ter como hipótese, a partir da teoria, que alguma coisa pode ter sido experimentada como ameaça à relação entre as irmãs. O filme confirma essa visão dos fatos. Na versão cinematográfica, a Senhora Danzard ameaça separar as irmãs como punição ao incidente da pane elétrica. Essa versão parece consoante à hipótese teórica apresentada. Frente ao chamado à simbolização, que pede uma situação de separação, o psicótico não consegue simbolizar. Rompe-se a relação imaginária. Podemos então fazer uma relação com as faces esmagadas das vítimas. O rompimento se dá ainda na relação “entre elas”, entre as duplas irmãs/patroas. O espelho não mais reflete a imagem do eu e este se desfaz. O que surge frente a tal chamado é o real em forma de delírio.

A relação com a linguagem, na psicose, aparece nos comentários de Lacan sobre o caso. A impossibilidade de metaforizar torna-se concreta pelo ato de arrancar os olhos. A metáfora indica a aceitação da ambigüidade do significante e a conseqüente divisão do sujeito. O psicótico, contudo, faz do



significante um signo, o que explica a literalidade da metáfora. O corpo despedaçado do psicótico pode ser associado ao ato de arrancar olhos, cortar partes do corpo, deixar o sexo à mostra. Ensangüentar o corpo de uma com o sangue da outra remete ao estado fusional, de indiferenciação entre o eu e o outro, característico da psicose.

A relação projetiva é claramente exaltada como base das relações entre as empregadas e as patroas, ao estilo proposto por Freud em seu estudo sobre Schreber. Lacan analisa o desejo (talvez possamos falar em amor) pelas vítimas, sentimento que, por ser inaceitável ao ego, assume sua forma contrária, o ódio, projetado no outro (elas nos perseguem), o que justifica o ataque como defesa. Retornamos, então, a Freud, que já falava da *Verwerfung* como uma defesa mais enérgica do que a *Verdrängung*. A agressividade tem sua origem no estágio do espelho, fase do transitivismo em que o outro, tomado como rival, deve ser eliminado para que o eu possa existir.

Por fim, podemos perceber, pelos dados da história das duas irmãs, a relação com um pai real ausente, que abandona a função paterna na relação com suas filhas. A ausência do pai real estende-se, nesse caso, à ausência do pai simbólico, capaz de implementar a função de metáfora paterna, instituindo o nome-do-pai. É por causa da ausência desse significante que a situação de injunção simbólica teve como resposta o delírio que culmina no ato criminoso. Lacan se refere às irmãs como verdadeiras “almas siamesas”: aquelas que, todavia, sofrem o imenso dano da separação.

Temos agora elementos suficientes para retomar o filme e reunir os pontos ficcionais da versão representada que nos permita ilustrar as hipóteses até aqui formuladas.

No momento pré-psicótico, já era possível perceber na relação com o Outro um sentimento de persecutoriedade evidenciado pelas frases “Ela vê tudo!”; “A madame verifica tudo.”; “Fica de olho em tudo.” Um olhar que invade, um Grande Outro onipotente, que tudo sabe e tudo vê, comprovando a indiferenciação entre o eu e o Outro. Quinet expõe o olhar na psicose como “objeto mais-de-gozar, causa de angústia que vigia, ordena e vilipen-

dia o sujeito” (2003, p.218). O nome-do-pai, foracluído na psicose, não cumpre sua função de barrar o “objeto a”, que na psicose surge como olhar ou voz. Arrancar os olhos pode, assim, constituir uma tentativa de domar esse olhar que espreita o sujeito e o expõe à condição de objeto do Outro.

Ecos do filme permanecem. O medo de “quebrar” a leve consistência do eu adquirida pela relação imaginária sustentada pelas irmãs. Uma marca que as une pela vida toda. O pavor do abandono ao gozo do Outro: “Nunca vai me deixar, não é, Christine? Eu não agüentaria viver sozinha nesta casa. Em nenhuma casa.”

Relações de sustentação imaginária na psicose das irmãs e na relação de alienação neurótica das patroas. Fotos que portam o retrato do eu que só ganha consistência na relação dual. Irmãs que parecem gêmeas.

Uma canção de ninar que não mais embala sono nem sonho tranqüilos. O encontro do rio e do mar (retorno a um estado primitivo de indiferenciação com o Outro no ventre materno), as montanhas (representante do seio materno), os cavalos soltos (que remetem à falta de rédeas e de limites), o pegar a mão e ser protegida da solidão não mais resguardam os sujeitos adultos que não puderam se inserir na lógica fálica da falta.

## O desencadeamento

A estrutura da cena retrata com perfeição os elementos psicológicos. Tal qual um banquinho de três pés sem firme sustentação, analogia presente ao sujeito pré-psicótico antes da descompensação, Léa, o quarto elemento, estava ausente e ameaçado de desaparecimento. O confronto a três, a ameaça de separação, a tentativa da patroa de evidenciar aquilo do qual as irmãs nada queriam saber no sentido da *Verwerfung*, e a conseqüente injunção ao simbólico produzem como resposta o delírio, a ruptura, a emergência do real no ato do crime.

Percebe-se a projeção e a diferença desta na psicose e na neurose. A relação de curiosidade e acolhimento das irmãs pelas patroas era sustentada por um movimento de projeção neurótica. Ao se dar conta do horror que

presenciava, a Senhora Danzard cospe, chamando-as de imundas, pedindo perdão a Deus pelo que havia abrigado naquela casa. Cospe para fora o que tem dentro. Projeta seus próprios desejos sexuais recalçados e, portanto, inaceitáveis. Culpa as irmãs pela escuridão da casa (invasão de seus próprios conteúdos inconscientes), fala do engano de as ter considerado filhas de Deus.

O psicótico, entretanto, não vive em nome de Deus, no sentido de não possuir o significante nome-do-pai e, por não tê-lo disponível, a projeção como forma de defesa ocorre diferentemente. O delírio faz surgir no real o que foi expulso do simbólico; o perseguidor, projetado e personificado pelas patroas, deve ser extinto de forma a defender o eu da angústia inominável, de sua dissolução. O delírio surge para fazer suplência a um chamado à castração. Há, talvez, uma tentativa de castração no arrancar os olhos que, como nos diz Lacan, era como se castravam as bacantes. Tentativa de barrar o Gozo do Outro que tudo vê e tudo sabe.

Dessa forma, desenrola-se o drama. Cada qual utilizando as ferramentas disponíveis em sua psique para lidar com a situação de emergência do real, cujo trágico desfecho nos revela o desencontro presente nas relações humanas no confronto com as estruturas de seu psiquismo.

## Referências

ENTRE ELAS (*Sister my sister*). Direção: Nancy Meckler. Produção: Norma Heyman. Elenco: Joely Richardson, Jodhi May e outros. Manaus: Top Tape, 1994, 86 min., son., cor, 35 mm.

FREUD, Sigmund. (1913) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)*. In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v.XII.

LACAN, Jacques. *O Seminário — Livro III: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

————— O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

————— *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987.

QUINET, Antonio. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

## **Psychosis and unchaining: sustentation and rupture**

### ABSTRACT

This article intends to discuss the psychosis trigger considering the passage from its previous moment: pre-psychosis. It's possible to infer that the trigger can be avoided by an imaginary dual relation established by the individual preventing him from the outbreak. In order to examine the reasons present in the trigger of psychosis, I firstly used Lacan's reference about the crime of the Papin sisters published in his doctoral dissertation of Medicine (1932). Secondly, I selected parts of the film *Sister my sister* that portrays the crime and was based on the real facts. Finally, a hypothesis is proposed on the reasons for the psychosis trigger followed by additional references about Lacan's later theory focusing the matter of psychosis on the concept of *Verwerfung* (foreclosure).

KEY WORDS: Pre-psychosis; trigger; imaginary dual relation; foreclosure.

Recebido em 08/07/2004

Revisado para publicação em 10/09/2004